

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

AOS BERROS: A FANZINE COMO ESPAÇO DE EXPRESSÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO PUNK

Susana Azevedo Reis
Doutoranda em Comunicação
Programa de Pós-Graduação de Comunicação – UFJF
susanareis.academico@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir como o movimento punk utilizou-se da fanzine com o propósito de divulgar seus pensamentos e ideologias para o próprio grupo e para a comunidade interessada. Para isso, analisaremos os editoriais da fanzine *Aos Berros*, produzida na cidade de Juiz de Fora, nos anos de 1983 e 1984. Utilizaremos a metodologia de Análise de Discurso, proposta por Eliseo Verón (1987), para compreender o discurso político e os sentidos anárquicos expressos nessas publicações. Como aporte teórico, recorreremos a Ilse Scherer-Warren (1989), Carlos Montaña e Maria Lúcia Duriguetto (2010) e Helena Wendell Abramo (1994) para discutir como o movimento punk pode ser enquadrado como um movimento social. Já autores como Nicolas Walter (2000), Craig O' Hara (2005) e George Woodcock (2007) contribuirão para entendermos quais discursos anárquicos estão presentes no punk e Chris Atton (2002) e Dick Hebdige (1979) nos ajudarão a compreender a importância da fanzines para esse grupo de juventude. Ao final deste trabalho, foi observado que todos os editoriais expressam o desejo de um movimento punk mais unido, organizado e ativo, respaldado em um sentimento rebelde e de mudança, baseado na ideologia anarquista.

Palavras-chave: Movimento punk; Anarquia; Fanzine.

Introdução

O movimento punk teve início em meados dos anos 1970, com uma postura crítica contra os ideais conservadores e elitistas do mundo. Apresentando perspectivas anarquistas e pensamentos de liberdade, ele modificou diversos setores culturais e políticos, redefinindo conceitos de música, moda, mídias comunicacionais e consumo. Seu local de origem é discutido por diversos autores, já que ele surgiu aproximadamente na mesma época em dois países diferentes: Estados Unidos e Inglaterra.

Como uma agitação musical e política, o punk se disseminou por todo o globo, chegando à América Latina e, particularmente no Brasil, em 1978. Grupos de punks eram vistos pelas ruas das principais metrópoles do país vestindo roupas pretas, furadas e rasgadas; possuindo um visual sujo e deteriorado; gritando palavras de ordem;

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

organizando shows e eventos beneficentes; produzindo fanzines e outras mídias de comunicação.

Acreditamos que o punk pode ser enquadrado como um Novo Movimento Social (NMS), sendo ele uma organização com motivações sociais e políticas, que prega a anarquia e a liberdade, participando, por exemplo, de manifestações em favor da redemocratização brasileira e da liberdade de países da América Latina.

O meio pelo qual os punks se comunicavam com sua comunidade e com o público externo era através da mídia alternativa, particularmente as fanzines: revistas mimeografadas ou xerocadas que discutiam sobre as bandas punks, a ideologia anarquista, processos políticos, demandas sociais e outros assuntos que interessavam a esses jovens.

Nosso objetivo neste artigo é analisar os editoriais da fanzine *Aos Berros*, produzida na cidade mineira de Juiz de Fora, localizada a 180 quilômetros do município do Rio de Janeiro, no Brasil. Com três edições publicadas, o impresso discutia sobre música, anarquismo, a comunidade punk, e assuntos referentes à política brasileira e latino-americana. Iremos realizar uma análise desse material utilizando a metodologia de Análise de Discurso de Eliseo Verón.

O punk como movimento social

Movimento social é um termo que requer ser discutido, já que existem diversas correntes que pesquisam esse campo de estudo e divergem sobre o seu conceito. Segundo Ilse Scherer-Warren (1989), a expressão foi criada pelo pensador alemão Lorenz Von Stein, por volta de 1840, com o objetivo de defender a necessidade de um campo de estudo que abordasse as dinâmicas dos movimentos sociais emergentes na época, como o movimento proletário francês, o comunismo e o socialismo. Com o passar dos anos, a sociologia acadêmica se interessou pelo tema e o abordou pelo viés marxista, pelas visões funcionalistas, interacionistas, sociopolíticas e com abordagens históricas. Mas foi na década de 1980, que os chamados Novos Movimentos Sociais ganharam adeptos.

Estudiosos dos Novos Movimentos procuram compreender os movimentos sociais em um contexto político e de microprocessos da vida cotidiana, estabelecendo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

recortes na realidade para analisar as ações dos novos atores sociais em seus grupos. Carlos Montaño e Maria Lúcia Duriguetto (2010) acreditam que, na década de 1970, além dos trabalhadores que lutavam pela igualdade das classes, outros grupos contestavam o capitalismo a partir de questões que envolviam o seu dia a dia, como o movimento mundial de protesto contra a guerra do Vietnã, o Maio parisiense de 1968, os movimentos ecológicos, urbanos, antinucleares, feministas, LGBT e pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Esses grupos podem ser incluídos nos Novos Movimentos Sociais e se encaixam nas categorias básicas deste paradigma, citadas por Maria da Glória Gohn (1997). São elas:

[...] cultura, identidade, autonomia, subjetividade, atores sociais, cotidiano, representações, interação política etc. Os conceitos e noções analíticas criadas são: identidade coletiva, representações coletivas, micropolítica do poder, política de grupos sociais, solidariedade, redes sociais, impactos das interações políticas, etc (GOHN, 1997, p.15).

Outro pensador que discute o conceito desses novos grupos é Alain Touraine. O sociólogo acredita que, antes de estudar a sociedade pelo viés da ordem social (da luta de classes), devemos percebê-la como um trabalho sobre si mesma, guiada pela historicidade¹. Scherer-Warren (1989) explica que Touraine percebe o conflito das classes sociais em dois sentidos: a de uma classe dirigente (que se identifica com a historicidade) que luta contra uma classe contestatória (que busca outra visão da historicidade e sua libertação); e de uma classe dominante (que mantém o mecanismo da historicidade) que se contrasta com uma classe dominada (excluída dessa ordem social estabelecida). “As classes se situam tanto num campo cultural quanto num de conflito de relação de produção. São tantos atores políticos, quanto agentes econômicos” (SCHERER-WARREN, 1989, p.92). Os movimentos sociais são os produtores dessa dinâmica de definição da historicidade, sendo agentes históricos que propagam e modificam, a cada momento, formas de opressão, miséria, injustiça, desigualdade, etc. Através de suas contestações, eles buscam novas alternativas, tentam

¹Historicidade pode ser entendida como o “[...] conjunto de orientações culturais produzidas pelo homem, tais como um modo de conhecimento, um tipo de investimento ou de acumulação e um modelo cultural propriamente dito” (SCHERER-WARREN, 1989, p.91).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

reconfigurar a historicidade, para fazerem parte deste contexto organizacional da sociedade.

Levando em consideração os NMS, acreditamos que o punk se apresenta como um novo movimento social, que almeja, através da resistência diária contra a cultura dominante, reconfigurar o cenário da sociedade, e sua historicidade.

Segundo Helena Wendell Abramo (1994), os punks criticavam a corrupção, as desigualdades, o consumo de massa e a indústria cultural através de suas roupas, suas atitudes e da música. Seu guarda-roupa, seus cabelos, o modo de agir, conversar e ocupar o espaço urbano criam identidade e pertencimento para esses indivíduos, “o grupo passa assim a ser simbolizado pelas peças que usa, e o estilo torna-se uma significativa manifestação de identidade do grupo e das questões por ele formuladas” (ABRAMO, 1994, p. 88). Suas roupas, o cabelo, sapatos e maquiagem expressam suas ideias e agridem visualmente o cidadão comum. São utilizados signos em suas roupas e na pele que chocam, como alfinetes no rosto, braceletes de pinos e pregos, roupas rasgadas e sujas. Os ideais anticapitalistas, anarquistas e de insatisfações com o cotidiano são refletidos através desse estilo combativo e energético.

Como um movimento social, seus integrantes compartilham ideias e pensamentos semelhantes. São compreensões políticas e sociais que produzem a aspiração de um futuro onde não existam mais adversidades para nenhum ser humano e nenhuma ordem comandando a sociedade. Refletindo sobre isso, é elementar para um punk afastar de si qualquer representação partidária e de liderança, seguindo o lema *Do It Yourself* - ou *Faça você mesmo* - seja na música, nos pensamentos políticos, em suas publicações impressas ou em seu visual. Ele deseja mudar o mundo através de questionamentos, não se conformando com as subjugações e as explorações das classes trabalhadoras e o preconceito de qualquer tipo e, por isso, se questiona sobre aspectos de trabalho, raça, sexo e sobre si mesmo. Para Craig O’ Hara (2005) sua principal ideologia é não depender financeiramente, culturalmente ou politicamente de nenhum estado, autoridade ou da família. Logo, o punk tem como ideia política fundamental a anarquia.

Nicolas Walter (2000) ressalta que os anarquistas entendem a história como um processo dualista, uma disputa constante entre um grupo que está no poder e outro que é governado, entre ricos e miseráveis, e entre aqueles que desejam se libertar do governo,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

do Estado e das instituições em geral. Para o autor, os anarquistas não veem o futuro com muito entusiasmo. A esperança é desenvolver a consciência e conhecimento na sociedade para que ela fique ciente de que não necessita de nenhuma autoridade.

Buscando conceituar o termo “anarquia”, George Woodcock (2007) acredita que, do ponto de vista histórico, o anarquismo é a teoria que propõe uma crítica à sociedade vigente, possuindo uma visão ideal para o futuro e estabelecendo meios para se chegar lá. O ideal anárquico é transformar a sociedade e seus cidadãos, fazendo com que cada um seja mais independente, para que assim se possa ter uma sociedade mais justa e livre. Esse processo deve acontecer através de uma revolta social, violenta ou não, mas é necessário que cada um desperte o desejo de liberdade.

Na visão do autor, a anarquista aceita a destruição a fim da reconstrução, pois acredita que o homem deve primeiramente acabar com todos os sistemas vigentes, para depois ser capaz de construir uma nova sociedade, que seja mais responsável. Dessa maneira, não seríamos comandados por uma organização rígida ou partido político, mas viveríamos em um local onde, com a liberdade e espontaneidade, um indivíduo poderia mudar os outros através de atitudes, orientações e exemplos (WOODCOCK, 2007).

Além da liberdade, os punks têm como pautas os direitos das mulheres e dos homossexuais, a igualdade de raças e a proteção do meio ambiente. Para O'Hara, existem punks que ainda creem que o comunismo e o capitalismo são desejáveis, mas para a quase totalidade do grupo, a anarquia é o futuro e o caminho para uma sociedade mais justa. Os punks “veem a anarquia como liberdade de autoridade e das regras; uma sociedade em que as pessoas poderiam viver suas vidas sem nenhuma forma de obrigação externa. Assim, a polícia e até mesmo as leis formais não seriam necessárias” (O'HARA, 2005, p. 95).

Segundo Walter, os anarquistas não se interessam pela vida privada de cada indivíduo, pois cada um possui seus limites e desejos e pode cuidar de si próprio, a partir do momento em que não intervém no espaço alheio. Assim, cada pessoa é livre para viver sua vida. Inclusive, o autor destaca que uma forma muito presente de expressão do anarquismo é através do niilismo, sentimento presente nos boêmios anarquistas. O simples ato de se divertir em locais públicos, questionando os valores tradicionais e se desviando do sistema, já é um ato positivo para este movimento.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

E o niilismo é outro conceito muito associado aos indivíduos punks (ABRAMO, 1994)). Afinal, o grupo desvaloriza não só as instituições governamentais ou a família, mas possuem um sentimento de desprezo pela sociedade como um todo e pela humanidade. Eles ocupam ruas, se divertem em bares e shows, desafiando o status quo.

Nicolas Walter também destaca que os grupos não sectários são ótimos meios para propagar a anarquia e incentivar sua implementação na sociedade. O autor chega a citar movimentos organizados de direitos cívicos, grupos de resistência à guerra e movimentos estudantis como boas formas de divulgação do anarquismo. (WALTER, 2000).

Diante desse panorama, Salo de Carvalho (2011), defende o punk como um novo movimento social, destacando uma diferença dele para os demais movimentos que se configuram nesse campo. O punk admite sua categoria de marginal e, pela alternativa anárquica, reivindica o direito de ser incorporada em uma rede de assistência institucional e se estabelece como uma das “formas emancipatórias de direito de resistência, em suas mais distintas modalidades: objeção de consciência ou desobediência civil” (CARVALHO, 2011, p.206). O movimento não busca contribuições do estado, não se filia a partidos políticos e não necessita que os grupos dominantes o aceitem na sociedade. Ele procura realizar transformações sociais através de seu cotidiano, de sua estética e sua ideologia.

Compreendendo que não pode impor seu pensamento ideológico à sociedade, o movimento punk acredita que também é necessário ações contundentes para propagar seus pensamentos para a sociedade. Nos anos de 1980 e 1990, grupos anarcopunks ganharam destaque, buscando divulgar as ideias anarquistas e colocá-las em prática através de eventos beneficentes, shows e publicações impressas. Grupos como *Anarchist Youth Federation*, *Twin Cities Anarchist Federation*, *Cabbage Collective*, *Tolls Collective* e *Positive Force* (O’HARA, 2005) são fortes exemplos de como a anarquia teve seu espaço no movimento punk.

A fanzine como mídia alternativa punk

Quando falamos de comunicação alternativa, estamos tratando de veículos comunicacionais que se caracterizam por apresentarem discussões, formatos e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ideologias diferentes daquelas da mídia tradicional. Chris Atton (2002) compreende que a comunicação alternativa pode ser produzida em formato eletrônico e impresso, se apresentando como publicações individuais, jornais de grande escala, impressos comunitários, revistas de política, fanzines anarquistas, etc. Esses produtos não possuem a obrigação de se pautar em ideologias e conquistar a derrubada da mídia tradicional, podendo discutir assuntos culturais e artísticos. Porém, devem se tornar um ambiente para que as vozes excluídas da mídia tradicional se expressem. O pesquisador considera essas expressões midiáticas heteroglóssicas (de múltiplas expressões), pois se tornaram espaços diversificados de divulgação para todos os indivíduos da sociedade que se sentem excluídos pelos meios de comunicação tradicionais. Nessa perspectiva, essa imprensa aparece como meio de socialização.

A imprensa alternativa, dessa forma, é capaz de criar grupos de indivíduos vinculados com os mesmos desejos e pensamentos, que se socializam pelo impresso e através dele. Jornais, revistas e folhetos radicais oferecem discussões que interessam ao seu leitor alvo, facilitando o acesso deste às informações que ele deseja e que não foram divulgadas na mídia tradicional (ATTON, 2002, p.11). Esses grupos apareceriam como atores relevantes nesses impressos, já que a divulgação de situações cotidianas interessaria a todos, tanto àqueles que escrevem, quanto aos que leem.

Pensando no contexto dessas mídias alternativas, podemos encontrar as fanzines. *Fanzine* é a junção da palavra inglesa *fan*, que significa fã em português, e *magazine*, traduzida como revista, sendo assim uma revista “do fã, feita pelo fã e para o fã” (BIVAR, 1982). Dick Hebdige (1979) acredita que as fanzines forneceram espaço para que a cultura juvenil, principalmente de classe trabalhadora, pudesse criar um local de debate, crítico e alternativo, já que a grande imprensa estava realizando uma cobertura hostil e inflexível do movimento. O lema *Do It Yourself* ganhou mais um meio para se concretizar, pois não era apenas a música e a roupa que poderiam ser produzidos com rapidez e baixos custos.

A primeira fanzine produzida pelos punks foi a *Sniffin' Glue*, publicada na Inglaterra em julho de 1976. Possuindo oito páginas, que foram xerocadas e distribuídas entre 100 e 200 cópias. Começaram então a surgir diversas fanzines nos Estados Unidos e na Inglaterra, como *Flipside*, 1977, *Ripped and Torn*, em 1978, *Panache*, 1980,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Maximumrocknroll, 1982 e *Profane Existence*, 1989 (GUERRA; QUINTELA, 2016; O'HARA, 2005).

Segundo O'Hara, as fanzines podem falar sobre arte, ecologia, filmes, poesia, religião, anarquismo, literatura, homossexualidade e, principalmente, música e política: “Como uma obra conjunta, as fanzines punks dão uma visão geral, uma síntese dos vários elementos – música, filosofia, estética e atitude – que compõem o fenômeno punk” (CLASS OD 1984 apud O'Hara, 2005, p. 66). Elas eram elaboradas por um integrante, ou por grupos, que faziam as matérias, as revisões, editoriais e entrevistas, da forma mais barata possível. Havia também anúncios de discos, outras fanzines, camisetas e bottons (OLIVEIRA, 2006).

O movimento punk chegou ao Brasil em 1978 e, segundo Antonio Carlos Oliveira (2006), as primeiras fanzines do país foram *Factor Zero*, em São Paulo, e *Exterminação*, em São Bernardo do Campo, publicadas em 1981. Esses impressos eram confeccionados, em sua maioria, em xerox, por ser um recurso de impressão barato e de fácil acesso. A distribuição acontecia em pequenas lojas e bancas, que eram simpáticas ao movimento e através dos shows e encontros de punks. O formato variava, assim como a tiragem. A maioria dos formatos é de uma folha dobrada ao meio e a tiragem poderia variar de 50, a 550 e 2.300. Quase a totalidade era datilografada em máquina de escrever e possuía uma linguagem coloquial, com erros de digitação, gramaticais e de ortografia, além de paginações desordenadas. Tudo indicando a urgência de se publicar o impresso (OLIVEIRA, 2006).

As fanzines utilizavam-se de uma estética suja e se preocupavam em transmitir uma ideia de radicalismo e choque, assim como outra característica marcante dos punks: o seu estilo. Além disso, buscavam discutir o contexto político e cultural no qual o grupo estava envolvido.

A Fanzine *Aos Berros*, produzida em Juiz de Fora, teve três edições publicadas, duas em 1983 e uma em 1984. Produzida pelos jovens Aécio Assis, apelidado de *Tenente Laranja*, e Helton Anásio, a publicação discutia principalmente sobre questões do movimento em Juiz de Fora, a ideologia anarquista, as principais bandas do Brasil e sobre a situação política e social brasileira e da América Latina. A publicação possuía periodicidade irregular, e variou de 18 a 24 páginas. Além de textos dos próprios

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

editores, a fanzine publicava matérias de outros punks, notícias recortadas de jornais, entrevistas e ilustrações.

Aos Berros era produzida a mão, por meio de bricolagens. Os textos eram datilografados e, junto com as imagens e com matérias de jornais, era montada a fanzine. Segundo o próprio Aécio Assis (2017), as publicações eram xerocadas, com uma tiragem de 100 a 200 exemplares, e vendidas por um valor relativamente baixo ou distribuídos para os integrantes do movimento e aqueles que tivessem interesse em suas discussões.

O discurso político e anárquico expressa na fanzine *Aos Berros*

Pensando o punk como um novo movimento social e que possui como principal meio de difusão as fanzines, buscaremos entender como os punks de Juiz de Fora articulam suas discussões políticas e sociais nesses impressos. Iremos analisar os editoriais das três edições da fanzine *Aos Berros*, observando como o discurso político norteava essas publicações. Para isso, iremos utilizar a metodologia de análise de discurso de Eliseo Verón (1987).

O pesquisador argentino se filia à semiótica social, que se baseia em duas hipóteses: a de que toda produção de sentido é necessariamente social, afinal, não se pode descrever e nem explicar um discurso sem analisar suas condições sociais produtivas; e a de que todo fenômeno social, e suas dimensões, são um processo de produção de sentido. Logo, “toda forma de organización social, todo sistema de acción, todo conjunto de relaciones sociales implica, em su misma definición, una dimensión significante: las ‘ideas’ o las ‘representaciones’” (VERÓN, 1993, p.125).

Dessa maneira, todo fenômeno social produz sentidos que se materializam socialmente, através de textos, imagens, corpos, ações, músicas, etc. Analisamos essa materialidade em determinado espaço-tempo para compreendermos os sentidos ali inseridos e, conseqüentemente, os discursos ali expressados.

Nosso objeto empírico são os editoriais das três publicações da fanzine *Aos Berros*. Pretendemos analisar as expressões políticas e anárquicas do movimento punk presentes nessas publicações, pois esses discursos permitem que possamos indagar

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sobre as estruturas e os funcionamentos das instituições e as ideologias desses atores e suas interpretações da realidade social (VERÓN, 1993).

Verón desenvolveu sua metodologia acreditando que, para uma boa análise de discurso político, é necessário primeiro observar o campo e os jogos do discurso, ou seja, como o discurso dominante e aqueles que o confrontam interagem. A seguir, devemos nos atentar ao “tipo” do discurso, ou seja, as estratégias e variações desse jogo, os processos de intercâmbio e as modificações de estratégias. Depois é necessário observar como essas estratégias variam ao longo do tempo, e como se caracterizam nas diferentes mídias. Dentro desse contexto, Verón destaca que todo discurso político implica em um enfrentamento, relações com o inimigo, uma luta entre enunciadores. A problemática de um discurso é inseparável da construção de um adversário.

O enunciador articula suas estratégias discursivas em um enunciado, elaborando uma enunciação. Devemos pensar na enunciação como um nível da análise do funcionamento discursivo e ambos, enunciador e enunciação, são objetos abstratos, e não entidades concretas do processo: “hablar de ‘enunciador’ implica una modelización abstracta que permite el ‘anclaje’ de las operaciones discursivas a través de las cuales se contruye, la ‘imagen’ del que habla” (VERÓN, 1987, p. 3), ou seja, quando falamos de um enunciador, estamos construindo uma imagem através da enunciação, das articulações do discurso.

Dessa forma, vamos denominar a sucessão de enunciados de “ato de enunciação” (VERÓN, 1987). Todo ato sempre supõe outros atos, reais ou possíveis, opostos ou a favores, dependendo do destinatário. Este, Verón classifica como prodestinatário, contradestinatório e paradestinatório. O primeiro se refere a um destinatário positivo, que participa das mesmas ideias, adere aos mesmos valores e persegue os mesmo objetivos do enunciador. O segundo a um destinatário negativo, que não concorda com o discurso e está excluído do coletivo de identificação. Por último, o paradestinatório, que se apresenta indeciso e é necessário que o enunciador utilize-se de dispositivos de persuasão na construção do discurso.

Refletindo essas questões no contexto do discurso presente nos editoriais de *Aos Berros*, observamos que a fanzine apresenta como enunciador o indivíduo punk no Brasil, que se posiciona anarquicamente e a favor de mudanças sociais: “punk no Brasil

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

são os garotos de subúrbio, desempregados, [...] punk é anarquia, é luta, é consciência política” (PUNK-ROCK, 1983, p.1). Durante os três editoriais, o enunciador deixa claro sua posição política e sua ideologia, utilizando pronomes como “eu” e “nós”, e unindo aqueles que se associam e concordam com os ideais punks.

Seu prodestinatário é a comunidade punk, o “coletivo de identificação” (Verón, 1987). Para o autor, podemos identificar esse destinatário quando observamos a utilização de verbos na terceira pessoa do plural, como o seguinte trecho: “Essa fanzine, como no número anterior, visa não somente divulgar letras de músicas e dar nossa opinião sobre alguns lances, mas mostrar também o que acontece em nossa cidade e o que as pessoas pensam de nós, os punks” (EDITORIAL, 1983, p.2). O enunciador se aproxima desse destinatário ideal, incluindo-o no argumento da publicação. Durante os editoriais, ele fala diretamente para seu público-alvo, buscando apoio e fortalecimento do movimento.

O contradestinatório também é apresentado claramente, como os pacifistas, pequenos burgueses e aqueles que contribuem para a manutenção do sistema político e social dominante²: “Eu odeio os pacifistas. Os pequenos burgueses que clamam pela paz mundial [...] A burguesia vive em guerra permanente contra o proletariado [...] Eu odeio o sistema e os que estão no poder (MOVIMENTO PUNK, 1984, p.3).

Inclusive, podemos encontrar trechos que expressam a necessidade do grupo punk de fortalecer a comunidade, ressaltando assuntos em comum: “conhecer tudo o que pode contribuir para para fortalecer nossa consciência, nossas ideias e nossa luta concreta contra o sistema. Por isso publicamos uma relação de livros sobre o anarquismo e analisamos duas questões políticas...” (EDITORIAL, 1983, p.2)

O enunciador deixa claro que não se identifica com esses destinatários, afinal, os punks seguem a ideologia anarquista e anticapitalista, buscando a liberdade dos indivíduos. Inclusive, eles ressaltam diversos conceitos anárquicos que já destacamos nesse trabalho, como a ideia de se colocar contra o Estado e os que estão no poder, ressaltando a disputa desleal entre dominantes e dominados.

² Nesse contexto da história brasileira, nos anos 1983 e 1984, o Brasil era governado por uma ditadura civil-militar, e estava começando sua abertura política.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Já os paradesinatários são aqueles que não são punks no sentido do visual e da atitude, mas que possuem ideias semelhantes: “Isso aí é um ponto importante: valorizar as pessoas que pensam como nós apesar de não assumirem a postura punk” (EDITORIAL, 1983, p.2). Durante todo o discurso das fanzines, o enunciador busca atrair pessoas, com os mesmos pensamentos de insatisfação política, para o movimento.

Seguindo os passos de Verón, após reconhecermos os destinatários, devemos buscar os componentes dos enunciados, que operam como articuladores entre o enunciador e a enunciação. Estes são classificados em descritivos, didáticos, prescritivos e programáticos.

O componente descritivo de um discurso se caracteriza pela constatação de um fato, o balanço de uma situação. O enunciador faz uma leitura do passado e da situação social e se estabelece na zona descritiva do discurso, se expondo. Apresenta-se com verbos no presente do indicativo, como o seguinte trecho:

O movimento punk surgiu na Inglaterra em 75, por causa do desemprego e da crise econômica que ninguém mais aguentava [...] No início foi encarado como moda e acabou perdendo a credibilidade, mas em 81 voltou mais forte e mais radical. Nós punks usamos roupas pretas pra mostrar a situação em que todos vivemos, metal para mostrar o que nos enfiam pela goela baixo todos os dias, botas porque é o exercito que garante tudo isso que fazem conosco, que nos mata e nos manda para a guerra (PUNK-ROCK, 1983,p.1).

Observamos como o enunciador contextualiza o histórico do movimento punk, descreve como ele surgiu e a causa de seu desaparecimento. Também relata sua volta e descreve os motivos do uso de determinados roupas, acessórios e atitudes, utilizando-se de alguns verbos no presente do indicativo.

Já no trecho: “eu me odeio porque, atualmente, eu também não estou fazendo nada. As palavras escritas ou faladas (o discurso) não adiantam nada se não forem precedidas de ações” (MOVIMENTO PUNK, 1984, p.1), o locutor mostra sua insatisfação por não estar tomando ações mais contundentes para derrubar o sistema, criando uma relação mais íntima com seus semelhantes que muitas vezes também não o fazem.

Ao utilizar o pronome “nós” e “eu”, o enunciador deixa claro que ele está se incluindo nesse processo histórico e, mesmo apenas descrevendo-o, explora a batalha com o sistema, mais especificamente com o governo militar, deixando claro sua

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

insatisfação e revolta com o exército. Ele faz uma pequena avaliação do movimento, usando fatos históricos e culturais como base para fazer a sua constatação.

Diferentemente, o segundo componente, o didático, apresenta a constatação a partir de um princípio geral já conhecido por todos, que são atemporais. Nesse caso, as marcas do enunciador são menos frequentes (VERÓN, 1987). Seleccionamos dois trechos dos editoriais que podemos observar esse componente: “Punk é anarquia, é luta, é consciência política” (PUNK-ROCK, 1983, p.1) e “Não pode haver paz enquanto houverem classes sociais (ricos e pobres). A burguesia vive em guerra permanente com os proletários. O clamor da ‘paz mundial’, pelos pacifistas pequenos burgueses, é o clamor da resignação por parte dos pobres e fudidos” (MOVIMENTO PUNK, 1984, p.2).

Observamos que nos dois trechos o enunciador se apresenta oculto, mas ao enunciá-las, verifica-se um valor de verdade e de constatação universal, com ideias que supostamente não podem ser rebatidas, segundo o ideal punk. Na primeira frase, seguindo pesquisas e todo o processo histórico do movimento punk, acredita-se que o movimento se baseia na ideologia anárquica e possui um viés político, que se manifesta através das fanzines, de suas participações em protestos e manifestações políticas, em suas letras de músicas, etc (O’HARA, 2005). Na segunda oração, observamos a expressão da luta de classes, que, desde Marx, acompanha diversos movimentos sociais e políticos. O enunciador, de forma subjetiva, afirma que as classes sociais não permitem que tenhamos um mundo mais pacífico e igualitário.

O componente prescritivo surge na ordem do dever, na necessidade de enunciar aquilo que se acredita ser moralmente correto, de forma impessoal e universal (Verón, 1987). Podemos observar esses componentes nos seguintes trechos: “Ser punk não é usar cabelo empastado, suástica, nem cantar música do Kiss[...] O punk está na cabeça de cada um. Ser punk é ser contra o sistema” (PUNK-ROCK, 1983, p.1), e “As palavras escritas ou faladas (o discurso) não adiantam se não forem precedidas de ações” (MOVIMENTO, 1984, p.2).

Notamos como o discurso, que se apresenta no imperativo, está direcionando para construir o punk correto, que não se manifesta apenas pelas aparências e atitudes, mas pela busca de um indivíduo ativo no grupo, que lute contra o sistema através de ações e

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

manifestações. Esse indivíduo punk é o que a comunidade considera ideal dentro de seu círculo, e não aqueles que apenas utilizam-se do visual punk para “fazer nome e posar de vanguardistas, inteirados” (MOVIMENTO, 1984, p.1). O enunciado deixa claro que o movimento não aceita pessoas que utilizam o punk como maneira de ganhar dinheiro com a música ou apenas para ser produto massificado da indústria cultural.

Por último, o componente pragmático se estabelece quando o enunciador promete, anuncia e se compromete. São utilizadas formas verbais no infinitivo e no futuro, como os seguintes trechos: “É necessário ter em mente o alvo e o fogo. Ação, alvo, ação, fogo!” (MOVIMENTO PUNK, 1984, p.2) e

Punks de fora, que não tem nenhum compromisso com o movimento, vêm pra cá tretar, parasitar e desacreditar o punk frente à população. Fazem as merdas e a gente que segure a barra. Inclusive a deles. Isso tem que acabar. JF não é ABC. Abaixo a violência e a alienação. Punk é consciência (MOVIMENTO PUNK, 1984, p.1).

Podemos ressaltar como nesses dois trechos o enunciador deixa claro o que deseja para o futuro. Mudanças, ações que realmente contribuam para a mudança social, pessoas com comprometimento. Na primeira frase, o enunciador expressa que se deve fazer algo, agir, escolher um alvo e tomar alguma atitude. No segundo trecho, ele assume sua insatisfação com os punks de fora e declara “Isso tem que acabar”, comprometendo-se, subliminarmente, a tomar alguma atitude em relação a esses indivíduos.

Considerações Finais

O punk foi um movimento social que abrangeu diversos pensamentos e ideias, que modificaram a vida de milhares de jovens em todas as partes do mundo. Na América Latina não foi diferente. Mesmo alguns anos atrasado, o movimento chegou aos países latino-americanos despertando interesse em uma juventude que estava inserida em um contexto político de repressão. Na década de 1980, Argentina, República Dominicana e Peru ainda tinham lembranças recentes de governos totalitários, enquanto países como Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e o Brasil estavam sendo governados por ditadores. Nessa conjuntura, o punk surge com ideias de liberdade e anarquia, oferecendo um

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

caminho diferente para os jovens cansados da coersão militar e da submissão ao governo.

No Brasil, o punk se expressava principalmente através das letras das músicas e das fanzines. Mesmo sendo publicada em uma cidade que não pertencia aos grandes centros urbanos do Brasil, *Aos Berros* conseguiu explorar o movimento através de aspectos culturais e políticos, tornando-se um espaço de diálogo entre o coletivo punk. A publicação permitiu que esses jovens se comunicassem em meio à repressão, em um momento de lenta abertura, consolidando-se como uma alternativa em relação ao seu formato, seu conteúdo e seu meio de distribuição.

O discurso da fanzine se apresenta bem semelhante aos ideais punks, ressaltando duas características marcantes: a manutenção do coletivo (e conseqüentemente a exclusão de falsos punks e pessoas contrárias) e a busca pela liberdade. Durante todos os editoriais é ressaltado que os indivíduos punks fazem parte de um movimento, que busca por princípio a anarquia. A ideologia é para o movimento uma alternativa na luta contra os sistemas e opressões existentes, que exploram e abusam dos brasileiros. A primeira ação é desaparecer com o fascismo, o autoritarismo e a miséria. É permitir que os cidadãos possam trabalhar com seus direitos garantidos, ter os direitos à educação e à saúde e explorar sua sexualidade sem repressões.

Todos os editoriais expressam o desejo do coletivo, da busca por um grupo mais organizado. A fanzine procura a união dos punks pelos ideais e pela cultura. A música está em constante destaque na publicação, também fazendo parte do processo de contestação política: “Nossas músicas falam de fome, miséria, guerra, alienação, corrupção governamental” (PUNK-ROCK, 1983, p.1). A publicação declara que o punk ideal não deve se interessar apenas pela moda punk, mas pelos sentidos que essas roupas expressam. Punks devem lutar pelos seus objetivos, modificar o mundo, começando por si próprios. “União e Anarquia” (EDITORIAL, 1983. p.1) é o resumo do desejo dos punks de Juiz de Fora, e do mundo.

Aos Berros era o meio pelo qual os punks expressavam seus desejos, suas críticas ao mundo, suas contestações políticas; que eles divulgavam músicas e críticas sociais; que possuíam um espaço para falar do quisessem. Como um espaço alternativo, as fanzines ofereceram aos jovens na década de 1980 o que hoje podemos encontrar na

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

internet: um ambiente livre, onde questões podem ser debatidas e disseminadas, onde movimentos sociais podem se constituir e se reafirmar.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta, 1994

ASSIS, Aécio. *Entrevista* concedida a autora em 7 de fevereiro de 2017.

ATTON, Chris. *Alternative Media*, Londres, Thousand Oaks e Nova Deli, Sage Publications. 2002

BIVAR, Antonio. *O que é punk*, São Paulo: Brasiliense, 1982.

CARVALHO, Salo. Das Subculturas Desviantes ao Tribalismo Urbano (Itinerários da Criminologia Cultural através do Movimento Punk). In: CARVALHO, Salo et al. (Org.). *Criminologia Cultural e Rock*. Rio de Janeiro, 2011.

EDITORIAL. *Aos Berros*. Juiz de Fora, nº 1, 1983.

GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro. Culturas de resistência e mídia alternativas: Os fanzines punk portugueses. In: *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 80, 2016.

GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo:Loyola, 1997.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. New York: Routledge, 1979.

MONTAÑO, Carlos ; DURIGUETTO, Maria Lúcia. *Estado, classe e movimento social*. São Paulo: Cortez (Biblioteca básica do Serviço Social), 2010.

MOVIMENTO punk é isso. *Aos Berros*. Juiz de Fora, nº 2, 1983.

O'HARA, Craig. *A filosofia do Punk: Mais do que Barulho*. São Paulo, Radical livros. 2005

OLIVEIRA, Antonio Carlos. *Os Fanzines contam uma história sobre punks*. São Paulo: Achiamé, 2006.

PUNK-ROCK não morreu. *Aos Berros*. Juiz de Fora, nº 0, 1983.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

VERON, Eliseo. *La palabra adversativa. Observaciones sobre la enunciación política*. In: El discurso político. Lenguajes y acontecimientos. Hachette Universidad, Buenos Aires.1987.

_____. *La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 1993.

WOODCOCK, George. *História das ideias e movimentos anarquistas - v.1 : A ideia*. Porto Alegre : L&PM, 2007

WALTER, Nicolas. *Do anarquismo*. São Paulo: Imaginário, 2000.